

10.4025/6cih.pphuem.420

O biblismo do Barnabita Florence Dubois e os conflitos religiosos na Primeira República

Carlos Rodrigo Soares (UNASP)

Essa pesquisa se focalizou no cenário religioso brasileiro na Primeira República, analisando a obra de um padre chamado Barnabita Dubois, que foi intitulada de O Biblismo. Daremos atenção a esse padre, mesmo estando em meio a conturbados conflitos sociais, econômicos e políticos instalados em diversas regiões da nação. O Brasil parece ter cultivado algumas peculiaridades e conflitos que se desenvolveram na Primeira República, um desses conflitos era essencialmente religioso, travado entre católicos e protestantes.

Procuraremos então compreender uma das esferas do contexto religioso nas primeiras décadas do século XX. Não pretendendo ser um trabalho inédito, pois diversas vezes podemos perceber pesquisadores que se dedicaram a analisar um ou outro recorte específico do período da história do Brasil referente às religiões.

Entre o Concílio do Vaticano I e II em praticamente um século, são visíveis as mudanças na posição da Igreja Católica frente aos problemas enfrentados no decorrer do século XX. Neste ponto, não foi diferente o panorama brasileiro, sendo um país conhecido pela sua grande quantidade de católicos nominais e tendo nela a religião oficial do Império, e culturalmente forte na República. (MANUEL; FREITAS, 2006)

No entanto, não encontramos nas primeiras décadas do século XX somente o catolicismo com suas diversas faces em território nacional, mas sim muitas emergentes denominações do cristianismo em proliferação. Mendonça trabalha sobre esta pluralidade religiosa na Primeira República, afirmando que “Com a República o campo religioso brasileiro tornou-se um dos mais plurais [...]” (2008, p.163). E sobre a separação da Igreja Católica Romana do Estado no começo da República assegura que para os católicos foi a:

[...] libertação da tutela do Estado, para os protestantes, libertação da hegemonia legal católica. Espaço aberto para as demais religiões também e campo para o pluralismo religioso característico do século XX no Brasil. (MENDONÇA, 2003, p.151)

Aceitando-se as declarações de Mendonça em relação à pluralidade religiosa na Primeira República, perceberemos que se instauraram diversos conflitos religiosos num ambiente que provavelmente foi algumas vezes hostil, pelo menos com base em algumas publicações da época. Dentro deste cenário mais específico, esta pesquisa procurou aprofundar esses conflitos sociais e estes possíveis ambientes que puderam ter se desenvolvido no período da Primeira República brasileira. Contudo, antes de chegarmos neste patamar de discussão, seria interessante observarmos o que já foi analisado pelo historiador David Gueiros de Vieira sobre o protestantismo e catolicismo em suas intrigas nos período referente ao Império. Provavelmente preparou o caminho para o que encontraremos na Primeira República com o nosso protagonista, o padre Barnabita Dubois.

Sobre a segunda metade do século XIX, nos decênios finais da monarquia no Brasil, David Gueiros trabalha vários pontos da questão religiosa, dentre eles, um em particular onde demonstra que a Igreja estava em conflito direto com as emergentes forças protestantes que se manifestavam nas páginas impressas em diversas províncias da nação. A Igreja, na figura de suas dioceses em cada Estado estava lutando contra o protestantismo, mas no texto da época, aparece, pelo menos na mentalidade de um padre, que a luta não era somente por divergências religiosas, mas por questões políticas e sociais que extrapolavam esses limites. Gueiros traz então um jornal da época que circulava na diocese de Belém do Pará mostrando a preocupação e cogitações em volta do desenvolvimento dos protestantes no Brasil:

Os bispos por todo o país já tinham feito soar o alarme [...] A luta principal, entretanto insistia o jornal do bispo, era no Pará. Lá a imprensa anticatólica tinha três órgãos especiais para combater a Igreja. Não se podia entender a razão dessa concentração de esforços no Pará, que não era uma província importante, asseverou o editorial. Podia-se apenas supor que seria um esforço político para “arrancar este vasto e riquíssimo torrão à monarquia brasileira e entrega-lo à cobiça dos nossos vizinhos do norte.” (VIEIRA, 1980 p.308)

Nas análises clássicas que David Gueiros Vieira faz da relação entre as religiões católica, maçônica e protestante podemos considerar por suficientes a constatação que ele considera nos jogos de interesses, uniões e disputas entre divergentes crenças. Alguns protestantes e maçons se uniram para combater por

interesses de certa maneira comuns, o predomínio das dioceses católicas brasileiras e obter mais espaço no cenário imperial na segunda metade do século XIX. (VIEIRA, 1980). A simples existência desses jogos explicados por Vieira são suficientes para formarmos um pano de fundo para o padre Barnabita e a Primeira República e os diversos conflitos religiosos que ocorreram nos inícios do século XX.

O que nos importa agora é entendermos a problemática que se desdobra nas relações entre o que poderíamos chamar de catolicismo e protestantismo, pensando a realidade da Igreja Católica e das religiões protestantes no Brasil. Seremos limitados a caminhar por uma via de mão única, onde abrangeremos somente a relação do catolicismo para com o protestantismo e não o inverso, o que também seria interessante. Para fazermos algum aprofundamento dentro desta pequena trilha, utilizaremos e analisaremos uma obra que circulou pelo menos em Belém do Pará e no Rio de Janeiro nos anos de 1921, escrita por este padre chamado também de Florence Dubois.

Dubois é conhecido pelos trabalhos e artigos polêmicos sobre os assuntos religiosos do seu tempo, mas sobre os primeiros anos deste padre encontramos uma descrição breve entre os que celebram mais recentemente os seus trabalhos no norte do país:

Florence Dubois nasceu no berço de uma família modesta, no dia 12 de novembro de 1878 em Aix' d'Aigillon, norte da França. Iniciou seus estudos no colégio dos Lassalistas de Bouges, e ingressou no seminário Menor do Barnabitas, aos 15 anos. Formou-se bacharel em Retórica na Sorbonne de Paris aos 19, e ordenou-se sacerdote aos 19, no dia 10 de março de 1902, em Bruxelas. Sua primeira visita ao Brasil aconteceu aos 25 anos. Acompanhado por um grupo de religiosos, veio às terras brasileiras, após a expulsão dos Barnabitas do território francês. Naquele momento, o destino do missionário eram as terras mais difíceis do sertão pernambucano. Seu trabalho pastoral, no estado de Pernambuco, durou cerca de um ano e meio. Após grandes dificuldades evangelizadoras, em janeiro de 1905, Padre Dubois entrega a missão ao bispo e aos padres, e segue para o mais novo destino: a capital paraense. (COLONY, 2012)

Nas palavras da Fundação de Nazaré, da diocese de Belém do Pará, vemos que o “Padre Florence Dubois tornou-se um religioso muito popular no Estado. Bispos de vários outros estados do país o convidavam para conferências, pregações e retiros.” (COLONY, 2012). Sua influência, portanto, é reconhecida

ainda no século XXI como sendo de muito respeitado e de relações ativas que teve o padre Barnabita na Primeira República. No entanto, nas páginas que se seguirão buscaremos entender Dubois e suas ideias a partir unicamente de seu livro O Biblismo.

Deixaremos de lado os aspectos positivos e missionários que muitas vezes são ressaltados pelos católicos posteriores a Florence Dubois, que o elogiam e mostram seu trabalho como importantes para a Igreja Católica na região norte do país. Não pretendemos com isso negar esses aspectos do padre Dubois demonstrados e defendidos, mas seguir e entender um dos caminhos e ideias que um dos seus trabalhos pode se materializar, chegando a ser publicado.

O Biblismo de Dubois

Florence Dubois trabalhou boa parte de sua vida na região norte do Brasil, como vimos acima, exercendo seu ofício de ministro da Igreja Católica predominantemente na sede do Estado do Pará que se localizava em Belém, no que era a parte mais urbana do Estado, principalmente na primeira parte do século XX. Mas também trabalhou rapidamente em Pernambuco.

O padre Barnabita Dubois ou Florence Dubois, como também é chamado, fundou o jornal Voz de Nazaré, que atualmente é o mais antigo jornal de circulação do Estado do Pará, segundo constatamos no site do próprio Jornal. Era um exímio escritor cristão e seu trabalho com publicações parece ter sido importante para época, atendendo as necessidades do bispado paraense.

Mas foi na leitura de O Biblismo em particular que percebemos a efervescência pela qual esse padre se opunha aos movimentos protestantes. Segundo Dubois, estes “hereges”, como ele mesmo se refere várias vezes, pregavam cada qual o uso da bíblia e somente á bíblia como base da fé e vida religiosa. Estes ignoravam a posição da Igreja e de sua Tradição na interpretação das Escrituras, proliferando falsas doutrinas e ensinamentos que na maioria das vezes estavam em contrário à vontade dos bispos no Brasil e conseqüentemente os de Roma. O próprio Dubois dá a origem do uso que ele faz do conceito de biblismo que se encontra no decorrer de sua pequena obra, dizendo:

Biblisimo ! Será português lidimo este vocabulo? Ignoro ! Achei-o entre o povo, e adoptei-o, porque, a meu vêr, resume chistosamente o systema protestante da bíblia só: *sola et sufficiens Scriptura*. (DUBOIS, 1921, p.7)

Estas palavras foram escritas por Dubois em 12 de setembro de 1920 e serviram como parte do prólogo de seu livro, onde desde as primeiras páginas evoca o termo “Biblisimo”, revelando ter encontrado entre o povo. Se com o povo, quis ele dizer o povo católico, protestante ou ambos, de fato não sabemos, mas provavelmente tenha sido cunhado entre o povo católico ao perceber o foco demasiadamente grande dado as Escrituras pelos protestantes, o que veio a ser até na mesma obra denominado de bibliolatria, ou seja, adoração à bíblia.

Devemos levar em consideração que no contexto da Igreja e principalmente dos católicos brasileiros a bíblia não tinha tanta importância como era dada pelos cristãos protestantes, ainda mais em relação e em detrimento das tradições e orientações da Igreja. Esta última era considerada a única verdadeiramente digna de interpretar as Escrituras e possuía um ministério infalível, opinião partida de seus líderes, como era o caso do Barnabita Dubois.

Na leitura de O Biblisimo, é interessante notar que Dubois procura construir um fundo histórico de explicação desse biblisimo que ele denomina e combate. Buscando homens, que desde antes da Reforma, caíam na idolatria da *sola et sufficiens Scriptura*, desde antes de Lutero, Calvino e outros conhecidos personagens na tradicional história da reforma protestante.

O padre Dubois pensava ser um absurdo o que via e lia na vida destes protestantes, declarando que a bíblia ficava na história do protestantismo claramente a mercê da interpretação de qualquer sujeito, podendo este ser até mesmo despreparado e pouco estudado para compreender e ensinar á bíblia. Resumindo essa ideia em tom sarcástico, Dubois escreve que:

[...] enquanto o diabo esfrega o olho, passam de honestos artistas sapateiros a presumidos ministros baptistas ou methodistas.” (DUBOIS, 1921, p.11)

O problema para Dubois parece ser que os protestantes não enxergavam que distribuir em massa a bíblia seria ingênuo. O povo não saberia interpretá-la

corretamente e, portanto, entende-la. Para ele, somente a milenar Igreja Católica era capacitada para tal tarefa, por isso Dubois diz que:

A bíblia na mão do leigo, sem alguém que a explique é como o primeiro livro de leitura na do aluno sem o mestre-escola: é uma obra inútil, quando não prejudicial.” (DUBOIS, 1921, p.19)

Os ataques de Dubois contra os protestantes se mistura também contra outras religiões mais distantes da católica e do cristianismo, o Barnabita encontra palavras para comparar o absurdo que vê nas práticas diárias da exaltação, leitura, e utilização da Bíblia pelos protestantes. Estes ficavam em suas casas, igrejas, banheiros, casebres e outros lugares a se curvar a bíblia. Então, palavras como delírio, fetichismo e idolatria são tomadas como necessárias para expressar tão grande bibliolatria vista nestes protestantes nos primórdios da República:

A bibliolatria é o centro, o eixo da Reforma. O delírio escripturario dos luteranos hombra com o fetichismo dos muçulmanos pelo Alcorão, com o apego dos chineses pelos livros de Confucio, e com a idolatria dos Hindus pelas leis de Manú e dos Vedas. (DUBOIS, 1921, p.15)

Suas palavras aqui retratadas não querem construir uma imagem de um padre preconceituoso e sem escrúpulos, pois a rudeza de suas palavras é considerada pelo próprio Dubois como uma advertência para os hereges que pervertem o verdadeiro cristianismo. A intenção aqui é demonstrar uma aversão por parte de um católico na Primeira República que talvez refletisse não somente a sua opinião, mas a de outros católicos que combatiam o protestantismo, então, esta aversão para eles seria legítima, se pensada dentro de sua própria lógica interna religiosa. Por isso Dubois escreve esse livro e publica na década de 1920, tendo como sua esperança auxiliar os que estavam perdidos nas páginas das Escrituras. Vemos expresso no início da obra analisada, Dubois almejando que seu trabalho e críticas “[...] seja útil a algum protestante, eis a minha única ambição.” (DUBOIS, 1921, p.7)

No entanto, a intolerância é visível no decorrer de O Biblismo, ainda mais de um grupo religioso que perdeu sua posição de Igreja oficial da nação há poucas décadas, e vendo outras religiões procurando tomar espaço no cenário nacional. No decorrer dos 24 capítulos que encontramos na obra é curioso observar os títulos que estão nas divisões do livro, como por exemplo: “Biblismo versus Biblia”,

“Bibliismo sem Bíblia”, “Bíblia sem Auctoridade”, “Pastores Inuteis”, “Bíblia obscura”, “Biblistas exentricos”, além de um capítulo classificando as chamadas “Bíblias falsas”, e ainda outra parte intrigante intitulada “Bíblia e analphabetos”. São esses exemplos evidências de uma obra destinada a combater o uso considerado inapropriado e desvairado da bíblia por pessoas despreparadas e leigas.

Uma característica de grande parte das religiões protestantes é o seu início simples com pessoas que na maioria das vezes não possuíam status de intelectualidade em sua época. Pessoas que estudando as Escrituras acabaram questionando as religiões constituídas e construindo outras denominações que as atendia naquilo que elas não encontravam mais nas suas religiões tradicionais. Questionando a autenticidade desses novos pastores, Dubois escreve que:

Sem munus, sem jurisdição, sem caracter sacerdotal, sem auctoridade, contradizendo a fé que professam, mentindo ao programma da bíblia única, surgem os pastores por esses Brazis, como baratas em caixas de papeis velhos, sem que ninguem perceba quem os sagrou pastores. (DUBOIS, 1921, p.285)

Na citação acima, extraída do capítulo 23 intitulada de “Pastores Inuteis”, o padre combate à suposta necessidade de pastores para os cristãos protestantes, pois seria uma atitude hipócrita e falsa em detrimento da máxima protestante que, segundo sua interpretação, é da autoridade única da bíblia como suficiente para dar a salvação a qualquer pessoa. Rejeita, portanto, o exercício pastoral destes que contradizem sua própria fé:

Os biblistas são rebeldes em extremo. Desrespeitam o papae Lutero que escreveu: “todo o christão é para si mesmo a igreja nas cousas relativas á fé”. (I) E teimam em pregar, ensinar, catechisar, contra a vontade expressa do heresiarca! O que lhes compete é distribuírem bíblias, bíblias ainda, bíblias sempre ! Triste figura de renegados fazem quando se mettem a theologos, a conselheiros, a interpretes. (DUBOIS, 1921, 282)

Chegam a ser até cômicas as palavras do padre Barnabita para quem hoje lê esses textos, mas ele avisou no início de sua obra que “Não leiam este livro os que vão atraz de linguagem academica” (DUBOIS, 1921, p.7). Por isso, não acusemos o padre pelas palavras, mas procuremos entende-lo em sua indignação contra o que ele achava um absurdo, uma contradição e uma heresia hedionda.

Muitas vezes o padre Florence Dubois, responsável por muitos artigos na revista Voz de Nazaré, soltava insultos pesados para com os que ele considerava hereges, para ele “Aos ignorantes orgulhosos também é prejudicial a leitura das Escrituras.” e que para esses “Percorrendo sem humildade e respeito, a passos largos e insolentes, o jardim bíblico, o orgulhoso nem enxerga [...]” (1921, p.301). Continuando com as seguintes palavras e utilizando exemplos da própria bíblia dizendo que:

Não foi de bíblia á bocca que Satanaz tentou perverter a Jesus? Fazendo –se protestante antes de Luthero, o demo (2) quis induzir, com repetidas citações dos auctores inspirados, o Salvador a curvar-se deante dele, Belzebuth soltou um pharaminoso “está escripto”, á lata dos methodistas e queijandos pentecostaes.” (DUBOIS, 1921, p.301)

Os metodistas e protestantes da época juntavam-se ao demônio em seu trabalho pelo que vimos acima. Em todos os textos até agora retratados podemos esclarecer a posição do padre Barnabita Dubois em relação ao que era o protestantismo e seus seguidores, envolvidos nesse nebuloso biblismo que ele descreve.

Como último ponto a ser colocado neste trabalho sobre as críticas do padre Dubois aos protestantes e a Reforma, nos referiremos às denominadas bíblias falsas. Tanto para Dubois quanto para alguns católicos, as traduções da bíblia que eram feitas por protestantes eram uma aberração e heresia que há séculos se instaurava e pervertia textos das Escrituras. Vemos assim construído no discurso de Dubois, e explicando essa questão, procura dizer que “Damos incompleto como synonymo de falso, no caso debatido.” (1921, p.161) Eram as bíblias protestantes incompletas, sobretudo devido à exclusão dos livros deutero-canônicos do Antigo Testamento. Mas Dubois continua dizendo:

Comico é que, abominando os deutero-canonicos do Velho Testamento, os reformados acatam os similares do Novo Testamento. Como explicar esta espantosa falta de logica? Excellentes e santos no Novo Testamento, os deutero-canonicos passam a suspeitos e indignos no Antigo. [...] Julgamos que a biblia não é um paneiro de fructas, onde cada qual venha escolher as que lhe agradam, ligando menos ás outras. A palavra divina é um bloco. é tomal-a ou deixal-a toda. Inadmissivel, repugnante é entregal-a a caprichos mais ou menos reflectidos, mais ou menos canfessaveis. (DUBOIS, 1921, p.161)

O padre Antônio Pereira Figueiredo fez sua tradução da bíblia nos finais do século XVIII para o português e o protestante João Ferreira de Almeida também realizou seu trabalho de tradução da bíblia para o português. Ambas as traduções são conhecidos e lidos até a atualidade em suas diversas edições. Dubois certamente conhecia e lia as duas, tanto a católica quanto a protestante. Suas conclusões e interpretações sobre as duas traduções são ressaltadas no capítulo 13 onde diz, por exemplo, que:

No psalmo CIX, assim traduz Figueiredo o *conquassabit capita in terra multorum*: esmigalhará as cabeças de muitos sobre a terra. O calvinista, que dá ao psalmo o numero CX, assim compreende: “ferirá os cabeças de grandes terras”. E sabem a que esta substituição do texto sacro? Os protestantes applicam, ao papa, que desejam reduzir em papa mesmo, este esmagamento, esta humilhação, este aniquilamento.(DUBOIS, 1921, pp.168-169)

A numeração de uma tradução para outra é acusada por Dubois como uma transgressão, além de acusar o calvinista João Ferreira de Almeida de mal interpretar o texto das Escrituras. Podemos então perceber que em questão de autoridade, as traduções de procedência protestantes eram tidas como “asneirolas” e “antipapismo”. Mas o padre Dubois de certa forma, ironicamente, concluiu o capítulo dizendo e incentivando seus leitores que sobre “As biblias protestantes, quem não as conhece que as compre!” (1921, p.170). Então para Dubois ficam rejeitados os protestantes e ditos reformadores com seus biblismos idólatras e sem escrúpulos, suas bíblias falsas e ideias hereges.

O padre Dubois trabalhou muito no Brasil, mas seus últimos dias foram em terras distantes. Seus trabalhos são lembrados com honra pelos que no século XXI, quase 100 anos depois de aqui ter ministrado o Barnabita Dubois, expressaram com gratidão os serviços missionários realizados pelo padre. Pessoas como o Arcebispo Metropolitano de Belém e também o Reitor da Basílica do Santuário da Nazaré e o Padre José M. Ramos Mercês honram esse Barnabita que, segundo eles, muito fez pela diocese do Pará. Mas também representantes políticos comemoraram os 99 anos do jornal Voz de Nazaré fundado por Dubois em 1913. Nas palavras de Fabrício Colony, coordenador do jornal em 2012, é narrada brevemente os últimos dias do Padre Dubois:

Após suas andanças e trabalhos realizados na capital paraense, o Barnabita decide retornar à Bélgica em 1955. Na sua volta, realiza

intenso apostolado em Bruxelas, e mais tarde, segue a Paris, para a comunidade de Saint Ouen, onde falece no dia 11 de outubro de 1964, aos 86 anos, no momento em que arrumava as malas para retornar ao Brasil. (COLONY, 2012)

Esses foram os últimos dias de Dubois. Não foi um padre brasileiro, mas esteve grande parte de sua vida ministrando, publicando, trabalhando e viajando pelo Brasil. Como vimos com Colony, mesmo na morte mantinha vínculo para com essa terra, mas O Biblismo permanece atualmente e parece demonstrar sentimentos de revolta para com determinados grupos que estavam se movimentando rapidamente na Primeira República: os protestantes.

Conclusão

Neste aspecto de O Biblismo percebemos quando o caminho de diferentes cristãos se opõe. O Barnabita Florence Dubois chegou a chamar os biblistas de idólatras, sendo para ele uma verdadeira bibliolatria, os protestantes adoravam a bíblia e se tornavam cegos quando toda atenção era voltada para ela. Mendonça fala dessas “Replicas e réplicas” que se davam na década de 1920 nas discussões entre protestantes e católicos. (MENDONÇA, 2008, p.157) Esses conflitos se davam por questões diversas:

O conflito entre a religião hegemônica e o protestantismo emergente, de início limitado à disputa por fiéis e território, agora guindara o plano da erudição histórica e teológica. (MENDONÇA, 2005, p.57)

Contudo, esses julgamentos de Dubois, que se dão pelo menos em palavras escritas não partem somente dos católicos para os protestantes, mas também de protestantes para os católicos que estavam no começo do século XX se estabelecendo no Brasil. Mendonça aponta várias obras como essa de Dubois, demonstrando as agitações religiosas na Primeira República. Mas como delimitado no começo, o caminho desta pesquisa seria trilhado em uma mão única, ou seja, o discurso que partia dos católicos para os protestantes, principalmente desse padre católico, o Barnabita Dubois. Pelo exercício que fizemos ao observar sua obra, constatamos como a intolerância era presente nos primórdios da República.

Esta pesquisa se iniciou pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) resultando numa percepção mais profunda sobre o processo que demonstra como a liberdade e o desprendimento do poder civil em relação ao

religioso causaram conflitos no começo da República. A Igreja foi perdendo seus espaços e encontrando dificuldades em manter os que lhes eram comuns. E por fim, proporcionou perceber as intensificações no meio social e religiosamente diversificado, plural, e com certeza, de intrigas e desavenças na época da Primeira República.

Referências Bibliográficas:

COLENY, Fabrício. Fundação Nazaré de Comunicação. Anunciar o Evangelho: a missão de Padre Florence M. Dubois. 29/06/2012. Disponível em: <http://www.fundacaonazare.com.br/novoportal/?action=Canal.interna&oCanal=1&id=1592&classe=N>. Acesso em: 22 de Julho de 2013.

DUBOIS, Barnabita. O Biblismo. Rio de Janeiro: s/n. 1921.

MANOEL, Ivan Ap.; FREITAS, Nainora M. B. de (Org.). **História das religiões**: desafios, problemas e avanços teóricos metodológicos e historiográficos. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. República e pluralidade religiosa no Brasil. REVISTA USP: São Paulo. n.59. p. 144-163, 2003.

_____. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. REVISTA USP: São Paulo. n.67. p. 48-67, 2005.

VIEIRA, David Gueiros. O protestantismo, a Maçonaria, e a Questão Religiosa no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2. Ed. 1980.